

 [10.58876/rbbd.2025.21122125](https://doi.org/10.58876/rbbd.2025.21122125)

# Retórica e leitura crítica: relato de experiência de uma oficina do programa de extensão CIDAD

Rhetoric and critical reading: an overview of a workshop from the CIDAD outreach program

## **Bruno Graciosa**

Graduando em Biblioteconomia pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC).  
E-mail: [bruno.graciosa@edu.udesc.br](mailto:bruno.graciosa@edu.udesc.br)

## **José Cláudio Morelli Matos**

Doutor em Ciência da Informação pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e em Filosofia pela Universidade de São Paulo (USP). Docente do Departamento de Biblioteconomia e Gestão da Informação da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC).  
E-mail: [jose.matos@udesc.br](mailto:jose.matos@udesc.br)

## **Leonardo Ripoll**

Doutorando em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP). Bibliotecário na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).  
E-mail: [leonardo.ripoll@ufsc.br](mailto:leonardo.ripoll@ufsc.br)

## **Joanice Maria Dartora**

Graduanda em Biblioteconomia pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC).  
E-mail: [joanice.dartora61@edu.udesc.br](mailto:joanice.dartora61@edu.udesc.br)

## RESUMO

Relata a experiência do projeto Oficina de Leitura Crítica, ligado ao programa de extensão “Comissão de Confiabilidade Informacional e Combate à Desinformação no Ambiente Digital” (CIDAD), cujo tema foi a obra *Retórica*, de Aristóteles. Expõe fundamentos conceituais e metodológicos da Oficina, e um breve histórico do projeto. Descreve como foram conduzidas as duas edições da oficina sobre a *Retórica*, as diferenças entre o formato presencial e remoto. Apresenta os principais tópicos discutidos e resultados alcançados. Relaciona a retórica com a discussão pública, o fenômeno da desinformação e seu combate. Defende o desenvolvimento da leitura crítica como uma habilidade que promove a confiabilidade informacional.

**Palavras-chave:** Oficina de leitura. Retórica. Aristóteles. Desinformação.

## ABSTRACT

Reports the experience of the Critical Reading Workshop project, linked to the outreach program "Commission for Informational Reliability and Misinformation Combat in the Digital Environment" (CIDAD), whose theme was the book *Rhetoric*, by Aristotle. We expose conceptual and methodological foundations of the Workshop and the history of the project. We describe how the two editions of the workshop on Rhetoric were conducted, the differences between face-to-face and remote format. We present the main topics and results achieved. We relate rhetoric to public discussion and the phenomenon of disinformation and its combat. We defend the development of critical reading as a skill that promotes informational reliability.

**Keywords:** Reading workshop. Rethoric. Aristotle. Disinformation.

## 1 INTRODUÇÃO

Este artigo é um relato de experiência sobre uma ação de extensão denominada Oficina de Leitura Crítica, componente das atividades realizadas pelo programa de extensão Comissão de Confiabilidade Informacional e Combate à Desinformação no Ambiente Digital (CIDAD). O CIDAD funciona a partir de uma parceria entre a Biblioteca Universitária (BU) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e a Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC).

Em vigor na UFSC desde 2018 e na UDESC desde 2021, o programa possui dentre seus objetivos, planejar, executar e institucionalizar pesquisas, ações e serviços sobre a confiabilidade informacional, buscando ampliar as atuações das bibliotecas e universidades no combate à desinformação. O CIDAD atualmente integra a Rede Nacional de Combate à Desinformação (RNCD) e a Rede da Ciência da Informação de Estudos sobre Desinformação (RECIDES), além de representar a UFSC no Programa de Combate à Desinformação do Supremo Tribunal Federal (STF)<sup>1</sup>. O programa evoluiu a partir de uma das primeiras dissertações defendidas na área da Ciência da Informação brasileira sobre o tema da desinformação (Leite, 2018), para uma comissão de trabalho na Biblioteca Universitária da UFSC e, a partir de então, para um programa de extensão que se ramificou em 2021 para a UDESC.

Entre as atividades mais recorrentes do CIDAD encontram-se a realização de cursos, oficinas e capacitações; a publicação de pesquisas e produções intelectuais e a organização de *lives* e eventos. Dentre essas atividades, destacam-se os cursos “Filosofia da Informação”, “Desinformação e Emoção” e “Identificando Mentiras na Internet”, o evento anual “Seminário de Confiabilidade Informacional” e a “Oficina de Leitura Crítica”<sup>2</sup>. É acerca do funcionamento desta última que se refere o presente relato de experiência.

A Oficina de Leitura Crítica propõe a condução de reuniões periódicas para a prática da leitura conforme a metodologia da leitura reflexiva dialogada. Trata-se de um exercício guiado de leitura crítica em tempo real, de uma reflexão acerca da leitura crítica como estratégia de combate à desinformação e de um treinamento de métodos de interpretação e reconhecimento de argumentos em textos.

---

<sup>1</sup> O programa do STF pode ser consultado pelo link <https://portal.stf.jus.br/desinformacao/>. Já a RNCD possui o site <https://rncd.org/>.

<sup>2</sup> Informações completas sobre as atividades do CIDAD estão em seu site <https://cidad.bu.ufsc.br/>. Já a história do seu surgimento e sua fundamentação teórica podem ser vistas em Ripoll, Custódio e Matos (2018).

Na Oficina, toma-se os textos teóricos, literários e filosóficos como artefatos simbólicos e informacionais, abertos à interpretação, à reflexão e à crítica. Segundo a metodologia da Oficina, o participante pode frequentá-la de modo contínuo, ou participar da leitura dos textos que mais o interessam. Além disso, a escolha dos textos é feita tanto pela equipe como pelos próprios participantes, de acordo com suas necessidades e preferências.

Apesar de atualmente fazer parte das ações do CIDAD, a Oficina de Leitura Crítica é uma atividade realizada muito antes da criação do programa, e sua história remonta a 2006 na UDESC, quando um grupo de estudantes iniciou com o professor José Claudio Matos (docente do departamento de Biblioteconomia na UDESC e um dos coordenadores do CIDAD), um grupo para leitura de textos clássicos. Ao longo dos anos, o projeto vigorou em diversas versões, em espaços como o Centro de Ciências Humanas e da Educação (FAED) e a biblioteca da UDESC. Passaram por ele diversos estudantes bolsistas e participantes internos e externos à UDESC, para os quais a experiência da Oficina de Leitura Crítica procurou contribuir para uma formação acadêmica e humanística.

Produções como livros, capítulos de livros, artigos e comunicações disseminaram o conhecimento gerado pela Oficina (Matos, 2008; Matos *et al.*, 2010; Matos, 2011; Matos *et al.*, 2017; Ripoll; Matos; Oliveira, 2020). Além disso, pesquisas e ações pedagógicas no ensino de graduação se desenvolveram em simbiose com a Oficina de Leitura Crítica. Agora, como ação vinculada ao CIDAD, esta trajetória tem continuidade, visando aprofundar as práticas de leitura, com foco no desenvolvimento de habilidades para a prevenção e o combate da desinformação pelo público, buscando também a reflexão sobre o conhecimento e a cultura.

Na edição do primeiro semestre de 2024, a Oficina de Leitura Crítica abordou como tema a obra *Retórica*, de Aristóteles. Esse tópico convida a uma reflexão sobre a arte de convencer e informar o público pela palavra. Junto com a lógica, a retórica é essencial para a compreensão e para o rigor nos processos de diálogo e de comunicação. Estando essa comunicação possivelmente comprometida, devido ao avanço de formas de desinformação, considerou-se relevante retornar aos fundamentos da retórica para discutir a qualidade e a confiabilidade da discussão pública sobre os assuntos de interesse da sociedade.

A arte da retórica vem sendo objeto de interesse por pensadores mais recentes, dos quais se destaca Chaïm Perelman que, em coautoria com Lucie Obrechts-Tyteca, elaborou

um tratado dedicado a uma atualização dos fundamentos e das aplicações da retórica. Segundo os autores, o pensamento moderno de inspiração cartesiana descuidou da retórica como uma arte de natureza inferior, porque concentrava toda sua atenção no rigor da demonstração e da evidência. Seria como se a evidência falasse por si mesma, e os métodos de falar provocando a persuasão fossem, por isso mesmo, desnecessários, ou então artimanhas do proponente para manipular seu público.

Os autores pretendem recuperar a tradição da adesão “de intensidade variável”, reconhecendo o princípio de que “é em função de um auditório que qualquer argumentação se desenvolve” (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2005, p. 6). Quem desenvolve um argumento, ou uma “prova”, para convencer o outro de uma opinião ou ponto de vista, se esforça por entrar em contato com o ouvinte.

Este esforço envolve admitir o aspecto comunicativo e social de toda argumentação e, em geral, de todo discurso. Romera (2004, p. 106) afirma muito oportunamente sobre isso: “falar de persuasão é fazê-lo desde um sem-número de pressupostos cognitivos e sociais, mas, sem dúvida, um dos primeiros preceitos é vincular a ação sobre o outro”. A oficina de leitura a que este artigo se refere segue nesta trilha, procurando aproximar seu público dos recursos retóricos e das sutilezas envolvidas na argumentação em torno de argumentos de evidência variável.

Nas sessões seguintes, o argumento desenvolverá um relato visando a consideração reflexiva e crítica sobre a Oficina realizada neste ano. Como proposta metodológica, a discussão partirá de alguns fundamentos conceituais e do histórico das edições anteriores da Oficina, passando para a descrição de como foram desenvolvidas as sessões da sua versão mais recente e, finalmente, propondo considerações de alguma relevância sobre a atividade e, em geral, sobre iniciativas de combate à desinformação.

## **2 FUNDAMENTOS TEÓRICOS E HISTÓRICO DA OFICINA**

Em espaços de mediação de leitura, como são as escolas, universidades e, com mais razão ainda, as bibliotecas educacionais (escolares e universitárias), é comum o desenvolvimento de clubes de leitura, círculos de leitura ou similares, cuja proposta é aprofundar a compreensão e o uso, por assim dizer, do texto escrito como um artefato informacional.

A prática da leitura em grupo exige um método que promova a coordenação da atividade. Se o método for eficaz, tende a permitir a interação entre as diversas

interpretações de cada leitor componente do grupo, de forma a produzir uma interpretação coletiva, resultado de um processo que deve ser considerado comunicativo, no sentido mais rigoroso do termo. Esse método começou a ficar claro enquanto ferramenta para a aplicação nas sessões da Oficina de Leitura Crítica, quando pesquisas sobre o pensamento do filósofo e educador John Dewey conduziram à aplicação das suas teorias da comunicação e do pensamento reflexivo ao caso da leitura.

Em um artigo intitulado *A interpretação de textos e a formação da pessoa reflexiva: sobre a concepção deweyana da leitura* (Matos, 2013), foi desenvolvida uma concepção de leitura que tornaria possível o emprego desse método para a condução das oficinas. Ali se discute alegações como:

Ao percorrer um texto, acompanhando e decifrando seu sentido, o leitor reflexivo está seguindo sugestões, atribuindo a elas diferentes valores, conforme sua própria experiência e conforme a situação na qual elas se apresentam. A descoberta desta solução, por sua vez, caracteriza a consumação de uma experiência que a relação com o texto provoca (Matos, 2013, p. 587).

Nos projetos e demais produções que envolvem a Oficina e o CIDAD, esse método de leitura em grupo passou a receber a denominação de “leitura reflexiva dialogada”, como referência às ideias de Dewey.

Há que se considerar também que essa leitura promove compreensões de caráter lógico, mas que advém do estímulo estético promovido usualmente pela literatura e pelas artes em geral. Essa dinâmica tem um âmbito semiótico em constante evolução, resultante dos efeitos cognitivos causados pelo ambiente coletivo da leitura. Assim, a produção de significados decorrente da discussão ativa dos textos, nada mais é que a movimentação de signos que representam o seu objeto de determinada forma, segundo um interpretante individual ou coletivo. Essa perspectiva semiótica baseada em uma fundamentação lógica é extraída do trabalho de Charles Sanders Peirce, contemporâneo de John Dewey, com o qual divide certa convergência para a corrente filosófica pragmatista. Uma das ideias motoras dessa perspectiva é a consideração dos efeitos práticos e sensíveis que as ideias tomam (CP 5.402)<sup>3</sup>. Ou seja, para um adequado entendimento de um conceito, é preciso

---

<sup>3</sup> Segue-se, aqui, a convenção adotada mundialmente nos estudos peirceanos, uma vez que a maior parte dos escritos de Peirce são manuscritos que foram organizados e publicados postumamente por projetos universitários. Logo, a sigla CP significa passagem extraída dos *Collected Papers* editados pela Universidade de Harvard, com o primeiro número correspondendo ao volume da coleção e o segundo ao(s) parágrafo(s) específico(s) da citação. Já EP é a abreviatura da compilação *The Essential Peirce* da Universidade de Indiana, com o primeiro número indicando o volume e o segundo fazendo menção ao(s)

distinguir as ações decorrentes do seu emprego em confronto com a realidade. Nesse sentido, o exercício da leitura crítica no âmbito da Oficina é influenciado pelos ideais pragmatistas, buscando uma reflexão lógica pautada pela experiência e guiada por uma mente coletiva resultante do trabalho cognitivo compartilhado — nos termos peirceanos, uma *commind* decorrente de um espaço comunicativo conhecido como *commens* (EP 2.478).

A leitura crítica, assim, se aproxima também da concepção pragmatista de que a forma mais confiável de formação de crenças cognitivas acontece pelo método científico. Segundo Peirce (EP 1.109-123), a cognição é frequentemente estimulada por dúvidas que surgem como um processo natural da atividade mental no mundo. A forma de resolução dessas dúvidas se dá pela fixação de crenças e hábitos que regulam certa homeostase intelectual e permitem a ação inserida em um conjunto de lógicas de funcionamento cognitivo. No entanto, as crenças são frequentemente formadas por métodos que podem levar ao erro e a uma interpretação distanciada da realidade.

Esses métodos, que resultam principalmente de satisfações emocionais, influências culturais ou, ainda, do papel das instituições e mecanismos sociais de controle da comunidade em que o indivíduo está inserido, possuem papel ativo na recepção e acomodação da desinformação no aparato mental das pessoas. Para Peirce, o método científico é a forma de aprendizado mais confiável porque reconhece a falibilidade da consciência humana individual e recorre ao refinamento do conhecimento promovido pelo coletivo de pessoas engajadas com uma forma de investigação que é implicada com o desenvolvimento humano.

O que a Oficina de Leitura Crítica busca é o desenvolvimento de uma abordagem metodológica que possibilite aplicar os preceitos do pensamento científico em outras atividades mentais cotidianas, como a leitura de textos literários e a recepção de conteúdos no ambiente informacional digital. Nesse sentido, há uma constante tentativa de aproximação entre os artefatos culturais que a humanidade deixa como legado bibliográfico no decorrer de sua história, com as questões que emergem no presente, buscando reflexões sobre o papel do indivíduo no mundo.

No histórico das edições da Oficina, os temas percorreram diversos territórios. Inicialmente focada em discutir textos clássicos de literatura, sejam eles de origem

---

número(s) da(s) página(s) correspondente(s) As referências das obras, de toda forma, estão na bibliografia ao final do texto.

filosófica ou poética, como as tragédias gregas, ou de caráter mais moderno e ensaísta, a Oficina acabou ampliando a discussão ao longo do tempo, incluindo textos de variados gêneros. A partir das suas versões vinculadas ao CIDAD, os temas passaram a ser pensados em diálogo com o contexto da desinformação. Assim, a sua primeira edição dentro do programa tratou sobre a interpretação de clássicos no contexto da “infosfera”, termo empregado pelo filósofo da informação Luciano Floridi, o qual se constitui também como um dos principais referenciais teóricos das ações desenvolvidas pelo CIDAD.

Floridi (2011, 2014) ao argumentar em favor de uma abordagem ontológica da informação, propõe a constituição da realidade como um grande ambiente informacional (infosfera) habitado por organismos informacionais (*inforgs*) que equivalem a todos os seres (orgânicos ou artificiais) que disputam a existência nos fluxos de informação que movem a vida contemporânea. Nesse sentido, a proposta da primeira Oficina foi justamente inserir a compreensão de obras atemporais na dimensão cognitiva fomentada pela expansão do digital. Realizada presencialmente na Biblioteca Universitária da UFSC em 2019, a atividade explorou a interpretação de passagens de textos clássicos, como o poema épico *A Odisseia*, do autor grego Homero.

Já a segunda edição apresentou uma série de seis seminários com professores e pesquisadores convidados e que levaram os seguintes títulos: *Leitura, conhecimento e certeza*; *Tipos de texto e formação do leitor*; *Leitura e o enriquecimento da vida*; *Leitura e democracia*; *Leitura e mídia digital*; e *O futuro da leitura*. Interseccionando a Biblioteconomia e a Ciência da Informação com contribuições de outras áreas como Filosofia, Letras e Cinema, essa edição da Oficina se tornou uma investigação maior sobre o tema da leitura em si e resultou na publicação do *e-book Leitura crítica na contemporaneidade: abordagens multidisciplinares* (Ripoll; Matos; Oliveira, 2020).

A terceira edição da Oficina foi a primeira edição *online* de toda a sua história — uma situação inicialmente atípica, causada pela pandemia de Covid-19, mas que logo se mostrou uma grande oportunidade de expansão da atividade, permitindo a participação de pessoas de diversas regiões do país, ou mesmo fora dele. Com o subtítulo de “Ceticismo e Informação”, a Oficina promoveu a discussão sobre textos filosóficos do ceticismo, como *Hipótiposes Pirronianas* do filósofo Sexto Empírico, bem como sobre publicações contemporâneas acerca do pensamento e investigação científica, a exemplo dos textos do renomado cientista Carl Sagan. No mesmo ano, criou-se uma atividade extra da Oficina, com uma edição condensada que utilizou plataforma acadêmica de atividades da UDESC

para dialogar e disponibilizar material complementar sobre o tema “distopias, tecnologia e desinformação”.

Por sua vez, a quarta edição manteve o formato remoto de participação e, com o subtítulo de “O diabo e a desinformação”, possibilitou uma investigação sobre a relação simbólica da figura mítica com conceitos como ilusão, mentira e engano. A atividade utilizou a leitura reflexiva dialogada de obras clássicas em que o diabo aparece como personagem literário e contextualizou o fenômeno da desinformação atual, refletindo seus aspectos éticos e sociais. Entre os textos lidos, estão passagens do clássico poema *Paraíso Perdido*, de John Milton.

A quinta edição da Oficina retornou ao formato presencial para desenvolver uma metodologia nova ao incorporar preceitos de gamificação ao processo de leitura da tragédia grega *Antígona*, uma das peças da Trilogia Tebana de Sófocles. A proposta teve como objetivo desenvolver um jogo de tabuleiro, a partir de categorias obtidas na interpretação da obra. A ideia foi aumentar a informatividade da leitura e das reflexões dela resultantes, além de desenvolver experiências que estimulassem novos leitores a se aproximarem desse e de outros textos, em um processo de disseminação do hábito da leitura reflexiva e dialogada por meio do recurso ao aspecto lúdico das atividades humanas.

Por fim, a retórica foi o tema da sexta edição, que abordou a obra de Aristóteles para tratar dos processos de persuasão que compõem a dinâmica contemporânea da comunicação nas redes digitais e nos fluxos de desinformação. Desta vez, optou-se por realizar duas turmas da Oficina, uma presencial na Biblioteca Universitária da UDESC e outra *online* na plataforma Microsoft Teams.

### **3 A OFICINA DE LEITURA CRÍTICA SOBRE A *RETÓRICA* DE ARISTÓTELES**

#### **3.1 EDIÇÃO PRESENCIAL**

A edição presencial da “Oficina de Leitura Crítica: *Retórica*, de Aristóteles” ocorreu durante o mês de abril de 2024, nas quatro quintas-feiras do mês, das 10h30min às 12h. A divulgação iniciou com a antecedência de um mês e foi feita pelos canais de comunicação da UDESC e do CIDAD, através de uma colaboração com a Biblioteca Universitária da UDESC. No dia 28 de março, foi feita uma *live* de lançamento da Oficina no canal da biblioteca no Youtube para apresentar o tema e sua relevância no combate à

desinformação, além de fazer um chamado a todas as pessoas que desejassem participar dos encontros presenciais. Nessa *live*, que levou o título de *A arte da retórica e a confiabilidade informacional*<sup>4</sup>, acompanharam ao vivo cerca de 100 pessoas, porém a maioria declarou que tinha disponibilidade apenas para a oficina em formato remoto.

A Oficina aconteceu na Sala Dinâmica, dentro da Biblioteca Central da UDESC, a qual é um espaço equipado com quadro, projetor, ar-condicionado, pufes e almofadas, muito pertinente para o tipo de dinâmica proposta pela oficina. Participaram dos encontros um total de oito pessoas, além do professor ministrante, dentre elas dois estudantes de pós-graduação, quatro de graduação e dois servidores técnico-administrativos da UDESC. No primeiro dia foi entregue a todos os participantes uma cópia impressa dos textos selecionados da obra *Retórica*, de Aristóteles. Depois de uma breve introdução, em que se falou sobre como explorar o texto para construir em diálogo uma interpretação viável de seu significado, foram expostos comentários sobre manipulação e linhas de defesa de ideias, e explicado sobre a metodologia da leitura reflexiva dialogada.

Os participantes foram organizados em um círculo e a cada um foi solicitada a leitura de um trecho do texto, em voz alta. Após cada leitura, foram feitas algumas perguntas aos participantes acerca do que tinha sido lido. Depois das respostas iniciais, utilizou-se o quadro para debater os principais pontos do texto, fazer uma contextualização histórica e explicar alguns conceitos que se julgou necessário, de uma forma dinâmica, sempre prevalecendo o diálogo — o que produziu momentos em que um pequeno trecho era capaz de gerar debates de até meia hora.

É interessante, neste ponto, ilustrar o relato com uma importante passagem do texto aristotélico, em que o autor formula uma definição do que é a retórica como arte ou habilidade. Diz ele:

Entendamos por retórica a capacidade de descobrir o que é adequado a cada caso com o fim de persuadir. Esta não é seguramente a função de nenhuma outra arte; pois cada uma das outras apenas é instrutiva e persuasiva nas áreas da sua competência (VIII, I, 2, 1355b)<sup>5</sup>.

---

<sup>4</sup> A *live* está disponível no link <https://www.youtube.com/watch?v=i1KoibnbZgQ>.

<sup>5</sup> Segue-se aqui, também, a norma de citação internacionalmente reconhecida para o conjunto das obras completas de Aristóteles. Como exemplo, a citação acima se refere ao volume VIII (*Retórica*), livro I, capítulo 2, linha 1355b. Como os livros de Aristóteles eram todos manuscritos, os estudiosos seguem uma numeração das linhas de cada página.

Com esta caracterização, fica evidente que o objetivo da arte retórica é a persuasão de um ou de vários interlocutores, pelo emprego do discurso e do argumento. Em uma primeira contextualização, o leitor pode perceber a importância da retórica na formação da opinião pública. Além disso, a retórica não se confunde nem se subordina a nenhuma outra área. Ao invés disso, possui um objeto próprio de estudo, conforme Aristóteles: os recursos e estratégias visando persuadir e convencer.

Nos diálogos conduzidos na Oficina de Leitura, logo nos primeiros parágrafos da leitura, foi apontado por um dos participantes o quão semelhantes são a dialética e a retórica, pois ambas possuem uma base argumentativa e trabalham na defesa do argumento. A passagem do texto original, em que Aristóteles se refere a este ponto é a seguinte:

A retórica é a outra face da dialética; pois ambas se ocupam de questões mais ou menos ligadas ao conhecimento comum e não correspondem a nenhuma ciência em particular. De facto, todas as pessoas de alguma maneira participam de uma e de outra, pois todas elas tentam em certa medida questionar e sustentar um argumento, defender-se ou acusar (VIII, I, 1, 1354a).

Esse pensamento foi anotado no quadro e, a partir de então, discutiu-se que tanto a dialética quanto a retórica são a arte de discutir sobre o que quer que seja, podendo abranger qualquer assunto, e ambas são encontradas tanto na ciência quanto na vida comum. Podem ser praticadas tanto por especialistas que dominam essa arte e conhecem todas as suas sutilezas, como por pessoas autodidatas, que através do hábito percebem o que funciona em sua retórica, ou até mesmo por leigos, que não têm esse conhecimento aprofundado, mas em vez disso utilizam a retórica ao acaso.

Pontua-se que isso foi algo muito interessante que Aristóteles observou, pois o autor percebe que se a retórica pode ser praticada ao acaso ou por hábito, ela também pode seguir um método, pois é possível estudar a razão pela qual a retórica funciona dessas formas. Viu-se que Aristóteles fez uma análise de tudo que foi escrito antes sobre o assunto e, após esse estudo, apontou que não existia nenhuma teoria geral da retórica, pois os autores anteriores se preocuparam apenas com os acessórios do tema que, no ponto de vista de Aristóteles, eram o uso de uma espécie de “má retórica”, que apela para os sentimentos como o ódio, medo, indignação e outras paixões, esquecendo o essencial, que seria o “corpo da prova”, os argumentos retóricos.

Continuando a leitura do texto, expôs-se que Aristóteles aponta três personagens principais na arte da retórica, que são a figura do orador, do oponente e do juiz. O orador vai utilizar a retórica para compor o corpo da prova, que é o argumento propriamente dito, ou vai apelar para os acessórios. O oponente costuma propor o contrário daquilo que o orador diz, e o juiz irá julgar quem está dizendo a verdade sobre esse desacordo ou litígio. Em um cenário discursivo em que se apresentam ideias opostas, o juiz — como é denominado por Aristóteles — é o público que o orador está tentando persuadir. Suas provas e demais estratégias visam o convencimento e a formação de opiniões e convicções no ouvinte. Esse é um cenário muito parecido com a dinâmica conhecida do debate judiciário. O papel do juiz é julgar um assunto com base nas leis. Tudo o que está sendo discutido entre o orador e o seu oponente serve para saber quem tem a sua razão, baseado na legitimidade do argumento ou na lei.

Além dessa configuração dos personagens de um debate retórico, Aristóteles divide o tipo de argumentação ou de prova, da maneira seguinte:

As provas de persuasão fornecidas pelo discurso são de três espécies: umas residem no carácter moral do orador; outras, no modo como se dispõe o ouvinte; e outras, no próprio discurso, pelo que este demonstra ou parece demonstrar (VIII, I, 2, 1356a).

Esta distinção merece destaque. O que Aristóteles entende por “prova” é qualquer coisa que persuade ou forma convicção no ouvinte, sobre o ponto defendido ou sustentado em um discurso. Note-se que o primeiro tipo de prova depende da pessoa que propõe a ideia, o “caráter” ou a forma como se apresenta o orador. O segundo tipo envolve as disposições — emocionais, intelectuais e morais — do ouvinte ou do público. São, por isso mesmo, aspectos acessórios ao argumento propriamente dito, e têm mais a ver com as circunstâncias em que se apresentam os participantes de uma discussão pública. Somente o terceiro tipo de prova se apoia no “próprio discurso”, ou seja, no argumento propriamente dito.

Isso deve alertar aos leitores de que no processo de convencimento e formação da opinião pública, há diversos outros tipos de “prova”, ou seja, diversos elementos envolvidos, e que certamente contam como fatores para as pessoas acreditarem ou duvidarem das informações que recebem. É no emprego e manipulação habilidosa destes fatores, que se insinuam as estratégias de desinformação.

Quando se falou sobre o uso da má retórica, uma das participantes relatou que em sua infância os adultos sempre a alertavam para não acreditar em tudo o que ela via na internet, porém hoje em dia esses mesmos adultos acreditam em qualquer informação compartilhada, principalmente por canais não oficiais e que não possuem nenhuma responsabilidade ética ou jornalística. Ela se questionou em que momento houve essa mudança de perspectiva e como argumentar com essas pessoas. Outro participante responde, dizendo que, na opinião dele, a desinformação é um projeto político e social que acontece de forma deliberada, com intuito de manipular e enganar a população.

Durante essa discussão, outros participantes também apontaram que conseguem observar o uso da má retórica na propaganda, para convencer as pessoas, como também nas igrejas, por exemplo. Argumentou-se que o combate à desinformação deve acontecer de duas maneiras: de um lado deve haver a regulação, na forma de uma discussão ampla de boas leis, das quais participem instituições como a Rede Nacional de Combate à Desinformação (RNCD), o Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), o Supremo Tribunal Federal (STF), universidades, órgãos de imprensa e pessoas que entendam de tecnologia digital, tal qual foi feito com o Marco Civil da Internet (Brasil, 2014). Citou-se também o Projeto de Lei nº 2630/2020, que pretendeu instituir a Lei Brasileira de Liberdade, Responsabilidade e Transparência na Internet (Brasil, 2020), inicialmente conhecida como “lei das *fake news*”, mas que está sem tramitação desde maio de 2023.

Apontou-se, também, que a maioria das leis que discutem sobre ciência ou tecnologia têm uma lista muito grande de definições e, às vezes, essas definições são mais importantes do que a própria ordem que a lei dá. O reconhecimento de um aparato conceitual na lei educa a sociedade do jeito que talvez nenhum livro ou artigo científico consegue fazer. Um exemplo disso é a Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD) (Brasil, 2018). Quanto mais detalhadas, precisas ou informativas forem as leis, mais o discurso público vai em direção ao corpo da prova e não na direção das alegorias e acessórios persuasivos.

Outra forma de combate à desinformação relatada foi pelo aumento da qualidade da discussão pública, tema muito relevante e que pode gerar grupos de estudo que aprofundem essa ideia, que tem a ver com a administração pública, mas também deve se dirigir à administração privada, mostrando como é possível essas organizações

participarem ou se beneficiarem do incremento da qualidade da discussão pública, não em termos ideológicos, mas científicos.

Os encontros geraram muitos debates, porém todos de forma respeitosa, em que a troca de experiências e opiniões enriquecia o diálogo. Esses quatro encontros foram capazes de criar certo vínculo de comunicação entre os participantes, que saíram satisfeitos, com um repertório mínimo para identificar o uso da má retórica como forma de manipulação e continuar encontrando formas de combater a desinformação, evoluindo o tema da qualidade da discussão pública.

### 3.2 EDIÇÃO REMOTA

A partir da modalidade remota, pessoas de diversos estados do país puderam se inscrever. Com cerca de 50 participantes, emitiu-se os certificados de conclusão da oficina àqueles que perfizeram 75% da carga horária total de oito horas de atividade<sup>6</sup>. Durante os encontros, foram selecionados trechos que apresentavam potencial para a reflexão em relação a alguns aspectos do fenômeno da desinformação. Ressalta-se que nas obras de lógica de Aristóteles, encontra-se a base para a teoria da argumentação formal. Os princípios fundamentais de organização e categorização do saber, presentes em diversas áreas do conhecimento, ainda refletem, em grande parte, as ideias propostas pelo filósofo grego.

Já nas falas iniciais, relatou-se o contexto das obras de Aristóteles, a relação e diferença da retórica com a poética, uma vez que a primeira é mais próxima da lógica do que da literatura, ou seja, a retórica tem mais a ver com o raciocínio, a maneira correta de provar um ponto, do que com a beleza e harmonia do discurso, que são alvo da poética. Ao compreender a retórica como a outra face da dialética, pode-se reconhecer a importância da argumentação crítica na vida cotidiana.

A retórica permite defender ideias, influenciar pessoas e contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e democrática. A dialética exige a disposição para o diálogo, em oposição ao monólogo. Não se trata apenas de ouvir passivamente, mas sim de se envolver ativamente na construção conjunta do conhecimento. Assim, dialética e retórica não são faces opostas da mesma moeda, mas sim aspectos complementares de

---

<sup>6</sup> As gravações dos encontros estão disponíveis no Youtube pelo *link* [https://youtube.com/playlist?list=PL468Lnp3H\\_k6GU0x-MSL7FNkyHhgVg8nA&si=Q14BO99kj2rkjoa4](https://youtube.com/playlist?list=PL468Lnp3H_k6GU0x-MSL7FNkyHhgVg8nA&si=Q14BO99kj2rkjoa4).

um mesmo processo. Ambas são essenciais para a comunicação eficaz e a busca pelo conhecimento.

Argumentou-se que, nesse processo, a retórica se torna essencial para defender o ponto de vista de cada um e alcançar um consenso ou entendimento mútuo. No entanto, é comum que no contexto das mídias sociais, se pratique a má retórica, que fomenta a desinformação no debate público. A construção de conhecimento confiável exige um conjunto de fatores interligados, como a expertise dos autores, o compromisso ético, a fiscalização pelos pares, a minimização da subjetividade e o rigor metodológico.

A retórica se configura como uma arte, técnica, ciência e método, uma sabedoria que transcende a mera teoria para se manifestar na prática. Na Oficina, foi destacado que a retórica é considerada por Aristóteles como a arte de usar todos os meios disponíveis com a finalidade de persuadir. Trata a retórica, portanto, do argumento que provoca persuasão pela utilização de técnicas, recursos ou procedimentos relacionados à condição na qual o proponente (o orador, quem fala, quem faz o discurso) se apresenta. Isso também se relaciona com o próprio discurso, a maneira como ele é oferecido e formulado, como ele é apresentado e com o público, com as disposições nas quais o público se encontra e que facilitam ou impedem a persuasão.

Frequentemente, a Oficina de Leitura Crítica se utilizou de digressões para realizar comparações, inferências e reflexões sobre um fenômeno que se relaciona diretamente com a retórica: a desinformação. Por quê? Porque se a retórica trata da persuasão e a desinformação é justamente aquele tipo de discurso que persuade, mas que conduz ao engano, então a desinformação acaba sendo um subtema desse grande campo de discussão, que é o campo da retórica. Da mesma forma, não deve ser novidade a importância da retórica no processo político. Pois em todas as sociedades organizadas, o exercício da justiça política e o exercício do poder, estão relacionados não somente ao uso da força, mas também relacionados à proposição de opiniões e ideias que convencem, que provocam adesão, que provocam crença, certeza, convencimento e persuasão. De todos os espaços onde a retórica encontra ocasião de aplicação, provavelmente o espaço do debate público é o espaço mais evidente.

Quando se fala em “debate público”, a expressão refere-se a todas as discussões que um determinado público realiza, com especial ênfase para a discussão política, entendida aqui não apenas como discussão da política no sentido do exercício do poder, mas em relação a aquilo que é de interesse coletivo. O debate público se caracteriza por

um conjunto amplo de discussões, realizadas por um determinado grupo de pessoas. Abrange, portanto, um espectro mais amplo de ideias e perspectivas.

Em determinado momento, uma participante da Oficina trouxe uma observação interessante: a retórica e a dialética se diferenciam em áreas como a Medicina e a Psicologia, que possuem um objeto de estudo específico: a doença, a saúde, a mente. Uma vez que possuem seus próprios objetos de estudo, então a retórica e a dialética não se restringem a um único tema. Argumentou-se que o foco central reside no convencimento e na construção de argumentos sólidos em qualquer área do conhecimento. A preocupação da Oficina seria discutir que tipo de argumento é esse que vem da retórica, e a diferença entre o argumento científico e o argumento de senso comum, entre o conhecimento do especialista e o conhecimento do cidadão comum esclarecido. Um público esclarecido que não é especializado, de um lado, e o cientista do outro. Como a retórica está situada entre esses dois pontos? Ou seja, a retórica trata de assuntos que não são matéria nem da medicina, nem da psicologia, nem de qualquer outra área de uma maneira específica, mas que, ao mesmo tempo, interessam a qualquer campo do conhecimento.

Portanto, um ponto que precisa ser considerado é a diferença entre a maneira de pensar, de comunicar conhecimento, dentro de uma comunidade científica especializada e a maneira de comunicar conhecimento, de convencer, de persuadir, de explicar para quem não é especialista, para um público de gosto variado, para as pessoas comuns, para quem não tem treinamento específico em determinado conteúdo.

No âmbito da desinformação, como no caso do negacionismo, por exemplo, a estratégia central é a persuasão através da dúvida e do enfraquecimento da percepção de consenso entre o público não especializado. A estratégia de Aristóteles, de falar da função da retórica relacionando-a a um público que não é capaz de “ver muitas coisas ao mesmo tempo” ou de “seguir uma longa cadeia de raciocínio” (VIII, I, 2, 1356a), significa revelar um conhecimento que é muito útil a quem procura entender o mecanismo de comunicação científica, de divulgação científica, de compreensão pública da ciência. Assim como também serve para compreender casos de produção de desinformação, como o negacionismo.

Algumas estratégias retóricas estão no ato de trabalhar com poucas premissas, parar evitar sobrecarregar o público com informações complexas, aumentando a probabilidade de que ele compreenda e aceite a argumentação. Além disso, utilizar

exemplos e analogias relacionados à realidade do público facilita a assimilação das ideias e fortalece o poder de persuasão. É preciso considerar que a maioria dos fatos que se quer provar na comunicação cotidiana não pode ser demonstrada com certeza absoluta. Nesse sentido, os silogismos retóricos, baseados em premissas prováveis, são ferramentas essenciais para construir argumentos convincentes e alcançar os objetivos comunicativos.

A conclusão dos participantes foi a de que o território da retórica é, em grande parte, o território da probabilidade daquilo que pode ser verdade, mas que tem uma certa margem de erro, de possibilidade de equívoco. Quando se pensa a longo prazo, não há uma comprovação definitiva, absoluta. Não há uma demonstração, uma prova acima de qualquer suspeita. É por isso que a retórica existe. Existe porque é preciso chegar a algum consenso sobre matérias em que a verdade não pode ser completamente estabelecida, como é o caso de diversas coisas no senso comum, ou das matérias que, mesmo sendo alvo de pesquisa científica, para o grande público, que não é especialista, ainda resta algum território para dúvida ou para discussão. Há um acordo, há um consenso, há uma convergência em direção à opinião mais persuasiva.

No entanto, o uso da retórica de forma mal-intencionada, para produzir falácias e perpetuar dogmatismos, é um caminho frequente na vida em sociedade. Atualmente, isso se materializa no atual cenário da desinformação. Nesse sentido, a omissão da classe científica, da classe de especialistas, de tentar se comunicar com o público por meio da boa retórica, deixa a desinformação se espalhar ainda mais. O grande chamado que se faz é de que o conhecimento especializado seja oferecido, discutido, debatido, inserido no público como uma estratégia de boa retórica contra a retórica da desinformação.

Em vez de cientistas e acadêmicos apenas se preocupando em se comunicar entre pares, torna-se fundamental se engajar no diálogo com o grande público, por meio da retórica. Ao discursar para um público amplo, é crucial considerar as limitações de conhecimento e experiência dos ouvintes. Diante disso, resumir e combater a desinformação, por si só, não é suficiente. É necessário apresentar a verdade de forma persuasiva, utilizando a retórica como ferramenta.

A retórica, como arte de construir argumentos sólidos, deve ser dominada por especialistas e utilizada para alcançar um público não especializado. Em todas as áreas de interesse, desde a política até a vida cotidiana, a comunicação eficaz é essencial para promover o bem-estar coletivo.

## 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O relato aqui apresentado procurou abordar a fertilidade de uma discussão baseada na leitura de textos para a formação de habilidades e a disseminação de conhecimentos que, recontextualizados de forma cuidadosa, sejam efetivos no enfrentamento da desinformação em suas múltiplas formas. Além de revelar a estrutura e o histórico da Oficina de Leitura Crítica, ofereceu uma amostra da discussão efetivamente ocorrida nas sessões da Oficina, de modo a ressaltar a produtividade do debate, para o engajamento e a apropriação conceitual dos participantes, no combate à desinformação.

Espera-se que esta contribuição possa inspirar a reflexão e a iniciativa de outros agentes, na promoção de atividades semelhantes, especialmente a respeito da importância da leitura crítica e dos recursos da arte retórica, na qualificação da discussão pública e na comunicação de informações confiáveis entre especialistas e o grande público.

## REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. Retórica. In: **Obras completas**: volume VIII. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 2005.
- BRASIL. **Lei nº 12.965, de 23 de abril de 2014**. Estabelece princípios, garantias, direitos e deveres para o uso da Internet no Brasil. Brasília, DF: Presidência da República, 2014. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2014/lei/112965.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/112965.htm). Acesso em: 17 jul. 2024.
- BRASIL. **Lei nº 13.709, de 14 de agosto de 2018**. Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (LGPD). Brasília, DF: Presidência da República, 2018. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2018/lei/113709.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/lei/113709.htm). Acesso em: 17 jul. 2024.
- BRASIL. Senado Federal. **Projeto de Lei nº 2630, de 2020**. Institui a Lei Brasileira de Liberdade, Responsabilidade e Transparência na Internet. Brasília, DF: Senado Federal, 2020. Disponível em: <https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/141944>. Acesso em: 17 jul. 2024.
- FLORIDI, Luciano. **The 4th revolution**: how the infosphere is reshaping human reality. Oxford: Oxford University Press, 2014.
- FLORIDI, Luciano. **The philosophy of information**. Oxford: Oxford University Press, 2011.
- HARTSHORNE, Charles; WEISS, Paul; BURKS, Arthur (ed.). **Collected papers of Charles Sanders Peirce**. 8 vols. Cambridge: Harvard University Press, 1931-58.

HOUSER, Nathan; KLOESEL, Christian (ed.). **The essential Peirce**: selected philosophical writings: volume 1 (1867-1893). Bloomington: Indiana University Press, 1992.

LEITE, Leonardo Ripoll Tavares. **Confiabilidade informacional**: a Filosofia da Informação e o desenvolvimento da leitura crítica no ambiente virtual. 129 p. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Programa de Pós-Graduação em Gestão de Unidades de Informação, Florianópolis, 2018. Disponível em: <https://sistemabu.udesc.br/pergamumweb/vinculos/000050/0000500b.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2025.

MATOS, José Claudio. A interpretação de textos e a formação da pessoa reflexiva: sobre a concepção deweyana da leitura. **Educação e Filosofia**, Uberlândia, v. 27, n. 54, p. 579–596, 2013. DOI: 10.14393/REVEDFIL.issn.0102-6801.v27n53a2013-p579a596. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/EducaoFilosofia/article/view/13781>. Acesso em: 06 jul. 2024.

MATOS, José Claudio; ALI, Thaís; SILVA, Eduardo; BARCELLOS, Alessandra. Novas leituras: reflexão e diálogo na experiência de um projeto de extensão. **Extensio**, Florianópolis, v. 7, p. 122-132, 2010.

MATOS, José Claudio. **Interpretação filosófica de textos**: manual didático. Florianópolis: UDESC, 2011.

MATOS, José Claudio; SILVA, Amanda Cristina da; COSTA, Amabile; MENDES, Lucas. Experiências de leitura e discussão de textos e ações do Programa de Extensão Civilização. **Revista Extensão**, v. 12, p. 95-106, 2017.

MATOS, José Claudio; YANO, Daniela de Cássia; ROHR, Daniele. Oficina de leitura e interpretação de textos: fundamentos e experiência de um projeto de extensão da UDESC. **Udesc em Ação**, v. 2, n. 1, p. 22, 2008. DOI: 10.5965/cidea.v2i1.1712. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/cidadaniaemacao/article/view/1712>. Acesso em: 6 jul. 2024.

PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Tratado de argumentação**: a nova retórica. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

RIPOLL, Leonardo; CUSTÓDIO, Marcela Gaspar; MATOS, José Claudio. O contexto da desinformação e a criação da Comissão de Confiabilidade Informacional. In: BEM, Roberta Moraes de; GRANTS, Andréa Figueiredo Leão (org.). **A construção de saberes**: protagonismo compartilhado em serviços e inovações na Biblioteca Universitária da UFSC. Florianópolis: Biblioteca Universitária Publicações, 2018. p. 159-181. ISBN 9788565044189. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/192743/AConstrucaoDeSaberes.pdf?sequence=3&isAllowed=y>. Acesso em: 05 jul. 2024.

RIPOLL, Leonardo; MATOS, José Cláudio; OLIVEIRA, Wesley Felipe de (org.). **Leitura crítica na contemporaneidade**: abordagens multidisciplinares. Florianópolis: Biblioteca Universitária Publicações, 2020.

ROMERA, César San Nicolás. Concepciones de lo persuasivo: la publicidad como retórica polivalente. **Comunicação e Informação**, Goiânia, v. 7, n. 1, p. 104-122, jan./jun. 2004. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/ci/article/view/24288/0>. Acesso em: 30 mar. 2025.

THE PEIRCE EDITION PROJECT. **The essential Peirce**: selected philosophical writings: volume 2 (1893-1913). Bloomington: Indiana University Press, 1998.